

# REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: TEORIA, PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

## SOCIAL REPRESENTATIONS: THEORY, METHODOLOGICAL PROCEDURES AND ENVIRONMENTAL EDUCATION

Sebastiana Lindaura de Arruda Reis\*  
Luzia Marta Bellini\*\*

Neste artigo apresentamos uma revisão da Teoria das Representações Sociais (TRS) elaborada por Serge Moscovici e as diferentes correntes teóricas e metodológicas das RS. Destaca as dimensões metodológicas da pesquisa em RS com ênfase das Representações Sociais em Educação Ambiental. A teoria das RS trata da produção dos saberes sociais. Centra-se na análise da construção e transformação do conhecimento social e tenta elucidar como a ação e o pensamento se interligam na dinâmica social.

**Palavras-chave:** representação social, métodos de pesquisa em representação social e educação ambiental.

### Abstract

In this article we presented a revision of the Theory of the Social Representations (TRS) elaborated by Serge Moscovici and the different theoretical and methodological currents of RS. It detaches the methodological dimensions of the research in RS with emphasis of the Social Representations in Environmental Education. The theory of RS treats of the production of the you know social. It is centered in the analysis of the construction and transformation of the social knowledge and it tries to elucidate as the action and the thought are interconnected in the social dynamics.

**Key words:** social representation, research methods in social and environmental education representation.

## INTRODUÇÃO

O termo "Representação Social" (RS) foi cunhado por Moscovici em seu doutoramento, em 1961. Para definir RS, Moscovici precisou de duas décadas de trabalho intelectual entre a obra *La Psychanalyse: son image et son public*, de 1961 e a apresentação da teoria no livro *Social Cognition*, de 1984. Moscovici propôs-se a considerar as RS como um *fenômeno* o que era, antes da década de 60, visto como um *conceito*.

Para traçar esse percurso, este artigo apresenta uma revisão da Teoria das Representações Sociais (TRS) elaborada por Serge Moscovici e dos diferentes métodos que surgiram após a década de 70 para ampliar as investigações no campo das representações. O texto apresenta também a

utilização da TRS como um instrumento teórico e metodológico para as pesquisas na área de Educação Ambiental demonstrando o potencial das RS como teoria para a apreensão das múltiplas visões de ambiente e ação no campo ecológico.

## CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

Para tratar do conceito de RS é preciso compreender a passagem do século XIX ao XX. O século XIX foi a época dos ideais revolucionários e dos movimentos operários. Foi também o tempo de novos valores, idéias e concepções de mundo. Do ponto de vista intelectual foram reconstruídas teorias e, entre estas, a da representação (BARRETO, 2005).

\* Bióloga da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais – PEA/Universidade Estadual de Maringá (DBI/UEM/Nupélia).

\*\* Doutora em Psicologia Social. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais DBI/UEM.

Etimologicamente, **representação** provém da forma latina **repraesentare** – “fazer presente” ou “apresentar de novo”. Fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, mesmo uma idéia, por intermédio da presença de um objeto (FALCON, 2000).

Jovchelovitch (1998) afirma que a noção de “representação” era sinônimo de cópia, de espelho do mundo. **Representar** era copiar ou reproduzir o social. Essa idéia influenciou, por longo tempo, as ciências sociais e a psicologia, dando a ilusão da coincidência perfeita entre o psíquico e o mundo.

Na pré-história da Teoria das Representações, representação era distinguida em dois níveis de fenômenos: o **individual** e o **coletivo**, em razão da crença de que as leis que explicavam os fenômenos coletivos eram diferentes das que explicavam os fenômenos individuais (FARR, 1995).

Para Minayo (1995) os teóricos dessa fase estavam preocupados com o caráter coletivo das representações. Eram Schutz, Weber, Durkheim e Marx.

Max Weber utilizou “Representação” associando-a à “idéia”, “espírito”, “concepção”, “mentalidade” para, de forma particular, elaborar sua noção de “visão de mundo”. Para Weber, a vida social – que consiste na conduta cotidiana dos indivíduos – é carregada de significação cultural. Essa significação provém da base material e das idéias, condicionando-se mutuamente (MINAYO, 1995).

Em Durkheim o conceito de Representações vinculou-se à noção de Representações Coletivas. Classificou-as como “o sistema de símbolos através do qual a sociedade se torna consciente de si mesma”. Representação significava a lei, a moral, os costumes, as instituições políticas, as práticas pedagógicas, todas as formas de vida coletiva constituindo o que ele denominou de “consciência coletiva” (MARTINI, 2001, p.167).

Na concepção de Durkheim, o indivíduo sofre pressão das representações dominantes na sociedade. É a sociedade que pensa ou exprime os sentimentos individuais. As representações não são, assim, necessariamente conscientes pelos indivíduos. Assim, de um lado, as representações conservam a marca da realidade social onde nascem, mas também possuem vida independente, reproduzem-se e se misturam, tendo como causas outras representações e não apenas a estrutura social (MOSCOVICI, 2001).

As críticas de Moscovici à concepção durkheimiana foram relevantes, pois:

1. falta preocupação em se buscar a origem da generalidade dos fenômenos que o conceito de Representação Coletiva engloba: a ciência, a religião, os mitos, a ideologia entre outros fenômenos sociais ou psíquicos.
2. ausência da dinâmica das Representações Coletivas que não a torna adequada aos estudos de sociedades complexas como a nossa onde existem pluralidade de sistemas envolvidos (políticos, filosóficos, religiosos, entre outros) e uma alta rotatividade do fluxo de representação.

Já Schutz usou o termo “senso comum” para falar das Representações Sociais do cotidiano. Para Schutz, da mesma forma que o conhecimento científico, o senso comum envolve conjuntos de abstrações, formalizações e generalizações. Esses conjuntos são construídos, são fatos interpretados no dia-a-dia. Desse modo, a existência cotidiana é dotada de significados e portadora de estruturas de relevância para os grupos sociais que vivem, pensam e agem em determinado contexto social. Esses significados – que podem ser objeto de estudo dos cientistas sociais – são selecionados por meio de construções mentais, de “representações” do “senso comum” (MINAYO, 1995).

Minayo (1995) mostra ainda uma terceira corrente na interpretação do papel das Representações Sociais, a marxista. Aponta, na obra *A Ideologia Alemã*, a categoria chave em Marx para tratar das representações, a consciência. Para Marx as representações, as idéias e os pensamentos são os conteúdos da consciência que, por sua vez, são determinadas pela base material.

Após 1970, Moscovici recorreu a Piaget, Lévy-Bruhl, Freud e Vygotsky para operacionalizar o conceito da Representação Social e a idéia de construção do saber e do valor do saber prático (ARRUDA, 2002a).

Costa e Almeida (1999) afirmam que na tentativa de superar a oposição entre representações coletivas defendida por Durkheim, Lévy-Bruhl chamou a atenção para a coerência dos sentimentos, raciocínios e movimentos da vida mental coletiva. Os indivíduos, para Lévy-Bruhl, sofriam influências da sociedade e, por isso, exprimiam sentimentos comuns, o que ele chamou de representação.

De Piaget, Moscovici estudou o desenvolvimento do pensamento infantil. Buscou conhecer a construção por imagens nas crianças e, também, a elaboração de conhecimento por “corte-e-cola”, fragmentos de saberes que a criança já

conhece para formar uma configuração do que ela desconhece (ARRUDA, 2002a).

Para Duveen (1995) a obra de Piaget, *O Juízo Moral na Criança (1932)* estabeleceu uma distinção fundamental entre duas formas de adquirir o conhecimento social. Por um lado, há o conhecimento que Piaget descreveu como produto da transmissão social, cuja fonte do conhecimento é a autoridade de uma figura dominante ou privilegiada. Por outro, esse conhecimento social só é apreendido pela criança mediante a sua elaboração cognitiva, ou seja, individual.

Já Vygotsky, na visão de Duveen (1995), apresentou uma teoria do desenvolvimento mais afinada com preocupações psicossociais. Dois temas em especial atraíram a atenção de Moscovici. O primeiro foi à insistência de Vygotsky de que os processos psicológicos encontram sua origem em relações sociais. No segundo, os processos psicológicos são construídos como formas de mediação semiótica. Os signos que são usados como qualquer signo, pressupõem uma comunidade de usuários para que possam funcionar. Em conjunto esses temas apresentam um quadro em que a criança em desenvolvimento vai progressivamente internalizando as práticas coletivas de sua comunidade por meio de interações com adultos competentes e crianças que já conhecem mais.

Outra fonte intelectual de Moscovici foi Freud, sobretudo os estudos sobre paralisia histérica e tratamento psíquico. Freud estava preocupado em mostrar como as representações passam do coletivo para o individual e como o social intervém na representação individual (COSTA e ALMEIDA, 1999).

Para Jovchelovitch (1998), Moscovici emprestou de Durkheim o conceito de Representações Coletivas e o mudou para Representações Sociais. De Freud, Moscovici tomou a idéia de que os processos inconscientes determinam a produção dos saberes sociais. Um dos textos decisivos para Moscovici foi “Teoria Sexual Infantil”. Este estudo de Freud mostra como a criança quer saber e como o desejo de saber se intercala com o jogo entre os que querem e os que detêm o saber. Isso leva a criança a construir teorias que se erguem na base das relações entre o universo infantil e o universo adulto. Freud mostrou como o peso da transmissão cultural com aquilo que ela prescreve, permite ou interdita o conhecimento.

Para Jovchelovitch (1998) Piaget e Vigotsky corroboraram o “insight” freudiano demonstrando que a construção do conhecimento na infância é, na

verdade, o processo no qual o sujeito propriamente humano emerge. Nessa relação com o mundo, na ação do corpo infantil sobre o mundo de objetos que lhe resistem que a criança desenvolve a capacidade emergente para re-apresentar tanto o mundo quanto a si própria. A criança aprende a colocar uma coisa no lugar da outra, a fazer um objeto representar o outro e, desse modo, re-apresentar a si mesma criando sentido, isto é, simbolizando (JOVCHELOVITCH, 1998).

## CONCEITOS E USO DA TEORIA DAS RS

Nosso ambiente natural, físico e social é fundamentalmente composto de imagens e, nós, continuamente, acrescentamos-lhes algo e descartando algumas imagens e adotando outras. Na verdade, o processo de representação envolve a codificação, até mesmo dos estímulos físicos, em uma categoria específica. De fato, a representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes. Tais coisas que nos parecem estranhas e perturbadoras têm também algo a nos ensinar sobre a maneira como as pessoas pensam e o que as pessoas pensam (MOSCOVICI, 2004).

Guareschi (1996, p.18) apresenta os elementos ligados ao conceito de Representação Social:

1. É um conceito dinâmico e explicativo, tanto da realidade social, como física e cultural, possui uma dimensão histórica e transformadora.
1. Reúnem aspectos culturais, cognitivo e valorativo, isto é, ideológicos.
2. Estão presentes nos meios e nas mentes, isto é, ele se constitui numa realidade presente nos objetos e nos sujeitos; é um conceito relacional, e por isso mesmo social.

O ato de representar não é um processo simples. Além da imagem, ele carrega sempre um sentido simbólico. Conforme Jodelet (2001, p.27), há quatro características fundamentais no ato de representar:

- a representação social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito);
- a representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização

(substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações);

- a representação será apresentada como uma forma de saber: de modelização do objeto diretamente legível em diversos suportes lingüísticos, comportamentais ou materiais - ela é uma forma de conhecimento;
- qualificar esse saber de prático se refere à experiência a partir da qual ele é produzido, aos contextos e condições em que ele o é e, sobretudo, ao fato de que a representação serve para agir sobre o mundo e o outro.

Nesse caminho apontado por Jodelet (2001), a teoria das RS vai tratar da produção dos saberes sociais, centrando-se na análise da construção e transformação do conhecimento social. Saber aqui se refere a qualquer saber produzido no cotidiano e que pertence ao mundo social (JOVCHELOVITCH, 1998).

Oliveira e Werba, (2003) acrescentam que para a análise das Representações Sociais há três níveis de compreensão:

- *Nível fenomenológico* – As RS são objetos de investigação. Esses objetos são elementos da realidade social, são modos de conhecimento, saberes do senso comum que surgem e se legitimam na conversação interpessoal cotidiana. Têm como objetivo compreender e controlar a realidade social.
- *Nível teórico* – é o conjunto de definições conceituais e metodológicas, construtos, generalizações e proposições referentes às RS.
- *Nível metateórico* – é o nível das discussões sobre a teoria. Neste expõem-se os debates e as refutações críticas aos postulados e pressupostos da teoria comparando-a com modelos teóricos de outras teorias.

Há muito debate sobre o conceito de Representação Social, sua gênese, sua estruturação, sua dinâmica e possibilidade de mudança. Há, inclusive, várias proposições como o objetivo de tentar sintetizar, descrever e compreender as Representações Sociais. Moscovici (2004) sugere que seu interesse não é em determinar uma teoria “forte e fechada”, mas uma perspectiva para se poder “ler” os mais diversos fenômenos e objetos do mundo social. Organiza os pressupostos básicos de sua teoria ao redor da complexidade do mundo

social e, propositadamente, abandona o “microscópio”, pois não lhe interessam as células e os genes, mas os seres humanos no contexto mais amplo das relações sociais (GUARESCHI, 1996).

A Teoria das Representações Sociais trata de operacionalizar o pensamento social em sua dinâmica e sua diversidade. Parte do pressuposto de que existem formas de conhecer e de se comunicar guiada por objetivos diferentes, formas que são móveis. Moscovici define duas delas, **a consensual e a científica**, cada uma gerando seu próprio universo. Para Arruda (2002a, p.130) são:

- **Universo consensual** – [...] Aquele que se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana. As Representações Sociais constroem-se mais freqüentemente na esfera consensual, embora as duas esferas não sejam totalmente estanques. As sociedades – são representadas por grupos de iguais, todos podem falar com a mesma competência. A Representação Social é o senso comum, acessível a todos.
- **Universo reificado (ou científico)** – Se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. A sociedade é de especialistas onde há divisão de áreas de competência. Aqui é a Ciência que retrata a realidade independente de nossa consciência; estilo e estrutura fria e abstrata.

## AS FUNÇÕES DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Para Moscovici (2004, p. 34) as representações apresentam duas funções:

- Elas **convencionalizam** os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as põem como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele. Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado. Nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo

com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura;

- Representações são **prescritivas**, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado.

Essas representações são partilhadas pelas pessoas, influenciando-as. As representações significam a circulação de todos os sistemas de classificações, todas as imagens e todas as descrições, mesmo as científicas (MOSCOVICI, 2004).

Para Abric (2000, p.28) essas representações têm um papel fundamental na dinâmica das relações e nas práticas sociais e respondem a quatro funções que as sustentam:

- 1) Função de saber: As RS permitem compreender e explicar a realidade. Elas permitem que os atores sociais adquiram os saberes práticos do senso comum em um quadro assimilável e compreensível, coerente com seu funcionamento cognitivo e os valores aos quais eles aderem.
- 2) Função identitária: As RS definem a identidade e permitem a proteção da especificidade dos grupos. As representações têm por função situar os indivíduos e os grupos no campo social, permitindo a elaboração de uma identidade social e pessoal gratificante, compatível com o sistema de normas e de valores socialmente e historicamente determinados.
- 3) Função de orientação: As RS guiam os comportamentos e as práticas. A representação é prescritiva de comportamentos ou de práticas obrigatórias. Ela define o que é lícito, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social.
- 4) Função justificadora: Por essa função as representações permitem, a *posteriori*, a justificativa das tomadas de posição e dos comportamentos. As representações têm por função preservar e justificar a diferenciação social, e elas podem estereotipar as relações entre os grupos, contribuir para a discriminação ou para a manutenção da distância social entre eles.

### O CONCEITO FAMILIAR E O NÃO-FAMILIAR EM REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Para compreender o fenômeno de algumas Representações Sociais, temos que perguntar: Por que criamos essas representações? A resposta é que a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar (MOSCOVICI, 2004). Moscovici considera que os universos consensuais são universos familiares nos quais as pessoas querem ficar, pois não há conflito. Nesse universo, tudo o que é dito ou feito, confirma as crenças e as interpretações adquiridas. Em geral, a dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização em que os objetos, pessoas e acontecimentos são compreendidos previamente.

O não-familiar são as idéias ou as ações que nos perturbam e nos causam tensão. Essa tensão entre o familiar e o não-familiar é sempre estabelecida em nossos universos consensuais, em favor do primeiro. No entanto, o que nos é incomum, não-familiar é assimilado e pode modificar nossas crenças. Esse é o processo de re-apresentar o novo (MOSCOVICI, 2004).

### OS CONCEITOS DE ANCORAGEM E OBJETIVAÇÃO: OS GERADORES DE RS

Para assimilar o não-familiar, dois processos básicos podem ser identificados como geradores de RS, o processo de *ancoragem e objetivação* (OLIVEIRA e WERBA, 2003).

A **ancoragem** é o processo pelo qual procuramos classificar, encontrar um lugar e dar nome a alguma coisa para encaixar o não-familiar. Pela nossa dificuldade em aceitar o estranho e o diferente, este é, portanto, percebido como “ameaçador”. No momento em que nós podemos falar sobre algo, avaliá-lo e, comunicá-lo mesmo vagamente, podemos, então, representar o não usual em nosso mundo familiar, reproduzi-lo como uma réplica de um modelo familiar. Pela classificação do que é inclassificável, pelo fato de se dar um nome ao que não tinha nome, nós somos capazes de imaginá-lo, de representá-lo (MOSCOVICI, 2004, p.61).

Para Moscovici (2004, p.66) é impossível classificar sem, ao mesmo tempo dar nomes. Ao nomear algo, nós o tiramos do anonimato perturbador e o levamos à na matriz de identidade de nossa cultura. Dar nome, dizer que algo é isso ou aquilo – se necessário, inventar palavras para esse fim – nos possibilita construir uma malha que seja suficientemente pequena para “impedir que o peixe

escape” e, desse modo, nos dá a possibilidade de representar essa realidade (MOSCOVICI, 2004).

Essa domesticação, conforme disse Moscovici (2004), é o resultado da **objetivação**. Trata-se de um processo mais atuante que a ancoragem, pois procuramos unir um conceito com uma imagem, descobrir sua qualidade icônica, material ou de uma idéia. Quando isso ocorre, o saber, seja qual for, deixa de ser apenas uma cópia da realidade.

**Objetivação:** objetivar significa descobrir a qualidade icônica de uma idéia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, preencher com substância o que está naturalmente vazio. Exemplo: Temos apenas de comparar Deus com um pai e o que era invisível, instantaneamente se torna visível em nossas mentes (MOSCOVICI, 2004, p.71).

Dessa soma de experiências e memórias comuns extraímos as imagens, a linguagem e os gestos necessários para superar o conflito gerado pelo saber não-familiar. Ancoragem e objetivação são maneiras de lidar com a memória. A ancoragem mantém a memória em movimento, a qual é dirigida para dentro e está sempre armazenando e excluindo objetos, pessoas e acontecimentos classificados e nomeados por essa ancoragem de acordo com os seus tipos. A objetivação, mais ou menos direcionada para fora (para outros), elabora conceitos e imagens para reproduzi-los no mundo exterior (MOSCOVICI, 2004, p.78).

#### A teoria do Núcleo Central de Abric (1976).

Abric, no final da década de 70, trouxe à Teoria das RS, outra teoria, a do Núcleo Central. Para Abric (2000) uma representação é constituída de um conjunto de informações, de crenças, de opiniões e de atitudes de um dado objeto social. Este conjunto de elementos, se organizado, estrutura-se e constitui um sistema sócio-cognitivo de tipo específico. Esse sistema, Abric (2000) chamou de Teoria de Núcleo Central.

Toda representação está organizada em torno do núcleo central, que determina, ao mesmo tempo, sua significação e sua organização interna. O núcleo central é um subconjunto da representação (ABRIC, 1994 apud SÁ, 2002, p.67).

Abric (2000) definiu Núcleo Central pela natureza do objeto representado e pelo tipo de relações que um grupo social mantém com este objeto. O núcleo central – ou núcleo estruturante –

de uma Representação Social para Abric (2000, p.31) tem duas funções fundamentais:

- c) Uma função **geradora** – é o elemento pelo qual se cria ou se transforma o significado dos outros elementos constitutivos da representação. Pela função geradora os outros elementos ganham um sentido, um valor.
- d) Uma função **organizadora** – é o núcleo central que determina a natureza dos elos, unindo entre si os elementos da representação. Neste sentido, o núcleo é o elemento unificador e estabilizador da representação.

Em torno do núcleo central, de acordo com Abric (2000), organizam-se os elementos periféricos. Estes constituem o essencial do conteúdo da representação, seus componentes mais acessíveis, mais vivos e mais concretos. Respondem a três funções primordiais:

- Função de concretização - diretamente dependentes do contexto, os elementos periféricos resultam da ancoragem da representação na realidade. Constituem a interface entre o núcleo central e a situação concreta na qual a representação é laborada ou colocada em funcionamento. Permitem a formulação da representação em termos concretos, imediatamente compreensíveis e transmissíveis.
- Função de regulação – mais leves que os elementos centrais, os elementos periféricos tem um papel essencial na adaptação da representação às evoluções do contexto. Então, as informações novas ou as transformações do meio ambiente podem ser integradas na periferia da representação.
- Função de defesa – resiste à mudança, posto que sua transformação provocaria uma alteração completa. A transformação de uma representação se opera, na maior parte dos casos, através da transformação de seus elementos periféricos: mudança de ponderação, interpretações novas, deformações funcionais defensivas, integração condicional de elementos contraditórios (ABRIC, 2000, p.31).

As RS, o núcleo central e os elementos periféricos funcionam como uma entidade, cada um com seu papel específico e complementar.

Suas organizações, seus funcionamentos, são regidos por um duplo sistema (o central e o periférico) (ABRIC, 2000). Quando as representações estão no mundo consensual, definindo a homogeneidade do grupo, elas se localizam no núcleo central, tornando-se estáveis, coerentes, rígidas e resistentes à mudança, pouco sensível ao contexto imediato dentro do qual o sujeito utiliza ou verbaliza suas representações. Quando permitem a integração das experiências e histórias individuais, elas se localizam nos periféricos, suportando a heterogeneidade do grupo. São então, flexíveis, evolutivas e sensíveis ao contexto imediato (LIMA, 2006).

O núcleo central promove a geração, organização e estabilidade das Representações Sociais. Os elementos periféricos concretizam, regulam, prescrevem e preservam os comportamentos, individualizam as representações, enquanto protegem o núcleo central (LIMA, 2006).

### OS MÉTODOS E AS TÉCNICAS DE PESQUISA NA INVESTIGAÇÃO COM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Uma vez definido o problema a ser estudado e as populações envolvidas, há que se decidir qual aspecto de RS será investigado para, em seguida, elaborar o instrumento e/ou procedimentos de pesquisa. Em termos analíticos, as RS podem ser

analisadas enquanto processo de constituição ou como produto em mutação. Segundo Moscovici (1995), o objetivo do método é encontrar a verdade e a tarefa do pesquisador é a de discernir qual dos métodos pode ser mantido com plena responsabilidade e, qual deve ser abandonado, numa época de mudanças, tanto intelectual como sociais, sem precedentes.

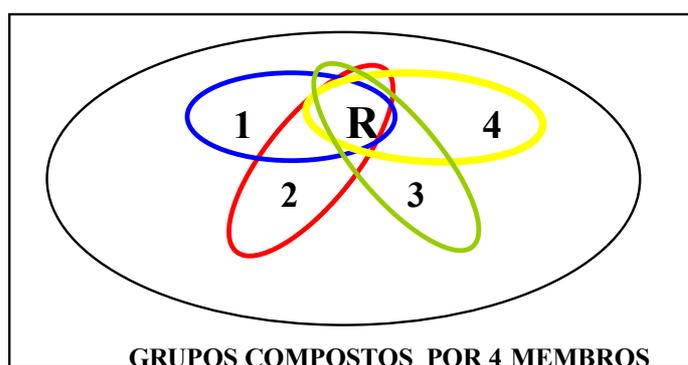
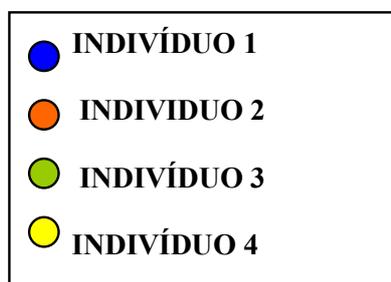
A Teoria das Representações Sociais permitiu investigação com uma diversidade de métodos e técnicas de pesquisa. Discípulos de Moscovici como Denise Jodelet e Abric ampliaram os métodos e técnicas.

No Brasil, no final dos anos 80, o conceito de RS surgiu nas revistas especializadas e simpósios internacionais. Após essa década a TRS foi incorporada por pesquisadores de diferentes campos de investigação nas universidades. Destacaremos nesta seção, alguns exemplos dos métodos e técnicas de pesquisas na área.

Para Wagner (1995, p.164), no campo de pesquisa em Representações Sociais podem ser observados dois usos distintos de avaliação das RS, que dependem do interesse explicativo e do procedimento de avaliação do pesquisador. Temos:

- a) **Nível individual** - A representação resultante será uma representação prototípica individualmente distribuída de elementos comuns. Esses elementos prototípicos de uma representação são frequentemente chamados **núcleo central** (figura 1).

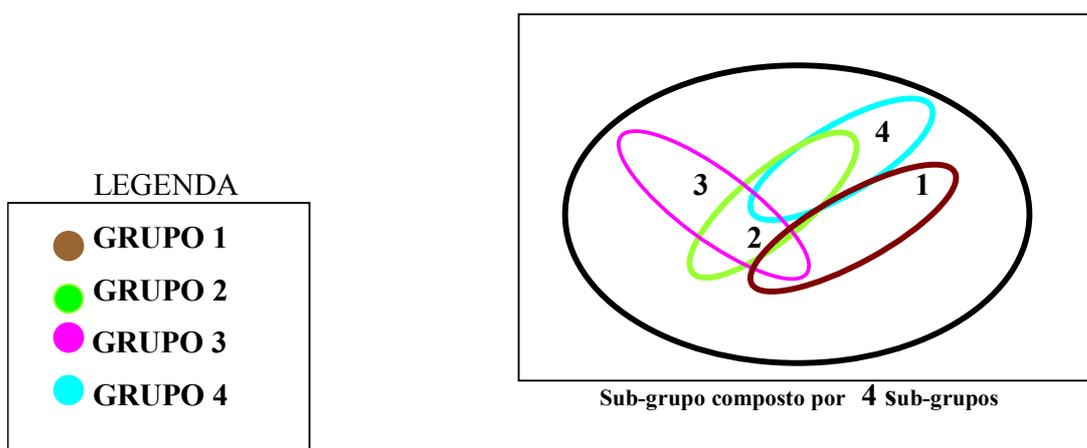
#### LEGENDA:



**Figura 1.** Os elementos comuns do conhecimento das pessoas formam o núcleo central da representação

- b) **Nível Coletivo** – As representações de um único e mesmo objeto social estão presentes em vários estados de elaboração em diferentes subgrupos e

incluem aspectos diferenciados do objeto que variam na relevância que tem para cada subgrupo (figura 2).



**Figura 2.** Os elementos combinados das sub-representações dos subgrupos formam a representação global.

A representação global resultante é a representação coletiva completa com elementos que não são comuns a todos os grupos, mas que são típicos ou relevantes para um ou outro grupo social.

Há quatro dimensões metodológicas na pesquisa social, conforme Bauer e Gaskell, (2004). Eles assumem que o processo de pesquisa pode combinar elementos ao longo das dimensões que seguem abaixo:

1. Os princípios do delineamento da pesquisa, os quais incluem os estudos de caso, estudos comparativos, levantamentos com amostragem, experimentos, observação participante e etnografia.
2. A obtenção de dados, nível em que se consideram a entrevista individual, o questionário, os grupos focais, filmes, vídeos, observação sistemática, coleta de documentos e gravação de sons.
3. A análise de dados, que se subdivide em análise formal e informal. A formal envolve os modelos estatísticos e as análises estruturais. A informal envolve análise de conteúdo, a indexação, a análise semiótica, a análise da retórica e a análise do discurso.
4. O interesse do conhecimento, que se refere às tradições dos cientistas que podem ser identificadas em três categorias: controle e predição, construção de consenso e emancipação e poder (*empowerment*).

Na pesquisa em Representação Social, Spink (1995a) e Souza Filho (1995) apresentam alguns aspectos relativos às metodologias comumente empregadas em estudos de RS:

1. **Observação** – Souza Filho (1995, p.113) afirma que o método de observação sistemática serve de pré-requisito para qualquer passo à frente no campo, é mais adotado pela maioria de estudiosos no mundo. Para Spink (1995a), a observação tem um papel proeminente no estudo das representações sociais, dado que nos liberta da quantificação e da experimentação prematura com a conseqüente fragmentação do fenômeno estudado. A observação – estimulada pela teoria e armada de métodos analíticos e sutis – que nos dará os meios de entender a gênese e a estrutura das representações sociais *in situ*. Segundo Moscovici (2004), o estudo das representações sociais requer que nós retornemos aos métodos de observação. A observação assim entendida poderá trazer para a psicologia social os mesmos benefícios que trouxe para a antropologia e para a psicologia do desenvolvimento.
2. **Coleta de dados** – Souza Filho (1995) afirma que nessa fase, a compreensão do fenômeno seja feita em termos de observação, pois ainda não se pode falar em causa e efeito, mas de interação entre elementos da realidade a ser estudada. A idéia é trabalhar com pequenas amostras de diferentes populações para evidenciar processos e produtos sociais a serem estudados em envergadura maior por instituições de pesquisa com mais recursos. O ideal seria usar a forma de linguagem mais próxima possível da realidade natural onde (e como) o fenômeno ocorre. De todo jeito, deve-se facilitar a expressão e a interação, observada ou relatada, possibilitando o acesso do pesquisador à realidade vivida pelo sujeito com

outros sujeitos e com seus objetos de representação. Para tanto, pode-se usar a observação participante, ou a entrevista com roteiros abertos, ainda que contendo temas geradores.

Segundo Spink (1995b), a coleta de dados exige longas entrevistas semi-estruturadas acopladas aos levantamentos do contexto social e dos conteúdos históricos dos grupos estudados. A análise, centrada na totalidade do discurso, é demorada e, conseqüentemente, utiliza-se de poucos sujeitos. O trabalho de interpretação do discurso segue os seguintes passos:

1. transcrição da entrevista;
2. leitura/escuta, intercalando a escuta de material gravado com a leitura do material transcrito. Nessa etapa, é necessário ficar atento às características do discurso: a variação (versões contraditórias); a detalhes sutis, como silêncios, hesitações, lapsos (investimento afetivo presente); retórica, ou organização do discurso de modo a argumentar contra ou a favor de uma versão dos fatos;
3. Tendo apreendido os aspectos mais gerais da construção do discurso, é preciso, em um terceiro momento, retornar aos objetivos da pesquisa e, especialmente, definir claramente o objeto da representação.

Spink (1995a) e Souza Filho (1995) apresentam outras formas para coletas de dados na pesquisa das Representações Sociais. Entre estas temos:

**Técnicas Verbais** – É a forma mais comum de trabalhar as representações. Consiste em dar voz ao entrevistado evitando impor as pré-concepções e categorias do pesquisador. Como instrumento de pesquisa o questionário pode ser enriquecido pela inclusão de um pequeno número de entrevistas em profundidade com alguns informantes representativos de posições sociais consideradas relevantes para a formação ou transformação das representações.

**Associação Livre ou Evocação Livre (EVOC)** – a partir de um pequeno número de palavras-estímulo, podemos estabelecer associações livres. A técnica de coleta evocação livre foi proposta por Vergés (1992, apud NASCIMENTO-SCHULZE, 2000) que utilizou essa técnica para estudos de Representações Sociais por parte dos respondentes associadas aos conceitos de meio ambiente e natureza. Essa técnica consiste em apresentar uma

palavra geradora às pessoas e solicitar que produzam expressões ou adjetivos que lhe venham à cabeça (COSTA e ALMEIDA, 1999).

**Dados já disponíveis** – tais dados são as informações censitárias e pesquisa de opinião convencional que indicam situações objetivas e subjetivas da população estudada. Também são dados de materiais como textos, documentos pessoais, literatura de ficção, panfletos, anotações, desenhos. Moraes e outros (2000) utilizaram essa técnica para estudar as Representações de meio ambiente entre estudantes e profissionais de diferentes áreas de conhecimento.

**Técnica dos grupos focais** – Spinelli (2002) utilizou essa técnica para conhecer o conteúdo das Representações Sociais de Educação Ambiental dos alunos de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Oliveira e Werba (2003) consideram essa técnica como um dos instrumentos mais usados e desenvolvidos na investigação das Representações Sociais. Os grupos focais podem ser descritos, basicamente, como entrevistas que se fundamentam na interação desenvolvida dentro do grupo. O ponto-chave dos grupos focais é o uso explícito da interação entre as pessoas para produzir dados e *insights* que seriam difíceis de conseguir fora desta situação. Isso constitui uma vantagem da pesquisa com os grupos focais, ou seja, a oportunidade que estes oferecem para a troca de idéias de determinado tema, em um período limitado de tempo. O emprego dessa técnica tem como objetivo focalizar melhor o objeto de uma pesquisa; obter dados sobre atitudes, crenças e valores de um grupo ou de uma comunidade. Além disso, auxilia o pesquisador a apreender o vocabulário ou o universo nocional dos sujeitos para poder desenvolver os estudos posteriores.

4. **Análise de Conteúdo** – Esta técnica permite visualizar os núcleos organizadores dos discursos, as variáveis e categorias, bem como os conflitos e consensos estabelecidos pelas pessoas dos grupos estudados. Possibilita observar os dados por meio de uma visão ampla, na qual a totalidade do material coletado permite levantar categorias do grupo.

De acordo com Bardin (1978), a análise de conteúdo (e de discurso) apresenta duas funções complementares: a tentativa exploratória que amplia a descoberta dos conteúdos aparentes e a confirmação ou informação das hipóteses. A análise de conteúdo se faz pela técnica de codificação. Esta

transforma os dados brutos do texto ou discurso, por recorte, agregação e enumeração, permitindo atingir uma representação do conteúdo. A técnica compreende três escolhas: a unidade de registro (o recorte), as regras de contagem (a enumeração), as categorias (a classificação e a agregação). A unidade de registro apresenta natureza e dimensões variáveis, podendo ser o tema, a palavra ou a frase (BARDIN, 1978).

Alguns pesquisadores de Representação Social na área de meio ambiente utilizam a técnica de análise de conteúdo. Entre eles, Reigota (2002) em *Meio Ambiente e Representação Social*; Arruda (1995) em *Ecologia e desenvolvimento: representações de especialista em formação* e Tomanik (2002), com o Grupo de Estudos Sócio-Ambientais (GESA-UEM/PR). Estes estudiosos descrevem as Representações Sociais do meio ambiente em segmentos da população para intervenção nos locais estudados.

**5. Tratamento quantitativo** – Spink (1995b) afirma que na validação quantitativa de uma análise de RS, os testes paramétricos são os mais usados para levantamentos extensivos. Os não-paramétricos são adotados para fazer inferências em pequenas amostras. Os dados são importantes para quem pretende tornar suas análises mais refinadas e seguras. O qui-quadrado, embora seja um teste rudimentar, pode ser utilizado para a análise de RS, comparando grupos a partir de frequências de temas ou atitudes.

Outra possibilidade de análise estatística são os testes de correlação que exigem variáveis de tipo ordinal ou cardinal. Caso se pretenda verificar a relação (associação ou dissociação) entre variável simbólica outra característica de grupo, pode-se usar o teste de correlação.

Souza Filho (1995) chama a atenção para investigações sociais. O primeiro cuidado diz respeito às **situações históricas gerais da sociedade e seu entorno**. O segundo cuidado, com consequência teórica e metodológica, é o da **especificação dos grupos de pertença**. Muitas vezes, apenas se têm amostras com indivíduos de acordo com os grupos sociológicos, quando o mais correto seria especificar a dinâmica grupal, seu grau de coesão interna, normas, valores e linguagens. Pode-se recorrer nessa situação ao chamado grupo mínimo. O grupo mínimo é a técnica pela qual alguns psicólogos recriam no laboratório certas condições da vida social do grupo estudado. Em

muitos casos, o uso de análise de conteúdo preconizado por Bardin (1978), é uma técnica que agrupa temas, expressões, discursos, modos de interação, entre outras particularidades, permitindo o entendimento do que ocorre em grupos reais a partir de inferência frequencial ou estatística.

### REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO MEIO AMBIENTE PARA A REALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Após a década de 70, ocorreu uma “explosão” semântica do termo ambiente. Souza e outros (2003) afirmam que a crise ambiental, reflexo da crise civilizatória marcada pela ausência de uma postura ético-técnico-científica para debater a relação entre homem e natureza, fez com que muitos estudos surgissem. Desse modo, de acordo com Vieira (1998) várias acepções de meio ambiente apareceram. Para o autor, o termo “meio ambiente” não designa um “objeto” específico e assim, temos “natureza”, “espaços naturais”, “paisagens”, “assentamentos”, designando atividade e pensamento no campo ambiental. As diversas definições indicam um conjunto de relações envolvendo um objeto de referência e seu contorno.

Desse modo, a pesquisa das RS na área com Educação Ambiental emergiu como forma de investigar as representações de diferentes grupos sociais. Reigota (2002) afirma que “nas representações sociais de meio ambiente, podemos encontrar os conceitos científicos da forma como foram aprendidos e internalizados pelas pessoas”. Essas representações foram investigadas por Reigota (2002) com grupos de ecólogos, geógrafos, psicólogos e indicaram que as Representações Sociais sobre o meio ambiente apresentam caráter difuso e variado. Não há um consenso entre os grupos. Isso demonstra a co-existência de uma diversidade de representações acerca do meio ambiente. Uma multiplicidade de significados que são elaboradas segundo o meio social em que as representações são apreendidas e interpretadas. A investigação de Reigota (2002) mostra que o objeto “meio ambiente” muda de acordo com a representação que a comunidade faz deste objeto.

A pesquisa com as RS no campo ambiental é importante, pois, compreender as várias representações de meio ambiente nos leva a um dos objetivos básicos da Educação Ambiental: o de criar situações para que indivíduos se sintam estimulados a rever seu modo de conceber e se relacionar

ecologicamente com seu entorno (TREVISOL e SOCOLOVSKI, 2000).

Para Trevisol (2004) há consenso entre os educadores ambientais, técnicos e pesquisadores em meio ambiente de que qualquer programa de educação ambiental precisa conhecer as Representações Sociais do grupo social ou a comunidade com a qual vamos trabalhar. A identificação dessas Representações Sociais possibilita a intervenção, reforçando os aspectos positivos e transformando os negativos das representações (TREVISOL, 2004).

## REFERÊNCIAS

- ABRIC, J.C. A abordagem estrutural das Representações Sociais. In: MOREIRA, A. SP; OLIVEIRA, D.C. (org.). **Estudos Interdisciplinares de representação social**. 2.ed. Goiânia: AB, 2000. p.27-37.
- ARRUDA, A. Ecologia e desenvolvimento: representações de especialistas em formação. . IN: SPINK, M.J. (org.). **O conhecimento no cotidiano: As Representações sociais na perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.235-265.
- ARRUDA, A. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. **Caderno de Pesquisa**. UFRJ. n.117, nov/2002a p.127-149
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**, Edições 70. Lisboa, 1978, 225p.
- BARRETO, F.S. Sobre as representações Sociais e o tempo histórico. **Revista Lâmina**. n.1/set/2005. PPGCOM/UFPE.
- BAUER, M.W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, 516p.
- COSTA, W.A.da ; ALMEIDA, A.M.O. Teoria das Representações Sociais: uma abordagem alternativa para se compreender o comportamento cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais. **Rev.Educ.Pública** v.8.n.13, jan - jun. UFMT. 1999. p .250-280
- DUVEEN, G. Crianças enquanto atores sociais: as Representações Sociais em desenvolvimento. In: – GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs); **Texto em Representações Sociais** 2ª ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.p.261-293.
- FALCON, F.J. C História e Representação. In: CARDOSO, C.F.; MALERBA, J. (Orgs.) **REPRESENTAÇÕES: Contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas, SP: Papirus, 2000 (coleção textos do tempo) p.20-48.
- FARR, R.M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: – GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs); **Texto em Representações Sociais** 2ª ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.p.31-59.
- GUARESCHI, P. A. Representações Sociais: alguns comentários oportunos. In: NASCIMENTO-SHCULZE, C. (org.). **Novas contribuições para a teorização e pesquisa em Representação Social**. Coletâneas da ANPEPP. v.1.n.10. set/1996. p.9-35.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.) **Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001.17-44p.
- JOVCHELOVITCH, S. Representações Sociais: para uma fenomenologia dos saberes sociais – **Psicologia & Sociedade** 10(1) jan./jun.1998. p.54-68.
- LIMA, R.R. **O professor da Universidade Federal de Mato Grosso, e algumas de suas circunstâncias: um estudo de representações sociais sobre atividade de pesquisa, perspectivas de futuro, ações do Governo Federal e mudanças sócias**. (Tese de Mestrado em Educação: Educação, Cultura e Sociedade, linha de Pesquisa: Educação e Psicologia). UFMT. 2006. 340p.
- MARTINI, J.G. As Representações Sociais: teorias e práticas. **Ciências Sociais Unisinos**. v.37.n.158. jan./jun.2001. p.153-185.
- MINAYO, M.C.S. O conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In: – GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs); **Texto em Representações Sociais** 2ª ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.p.89-111.
- MORAES, E, C; LIMA-JUNIOR; E. SCHABERLE, F.A.; Representações de meio ambiente entre estudantes e profissionais de diferentes áreas do conhecimento. **Rev.Ciências Humanas**. Edição Especial Temática.EDUFSC.2000.p. 83-96.
- MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais. In: JODELET, D. (org.) **Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001.45-66p.
- MOSCOVICI, S. Prefácio. In: – GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs); **Texto em Representações Sociais** 2ª ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.p.261-293.
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 2ª ed. Petrópolis/RJ:Vozes.2004 p.404
- NASCIMENTO-SCHULZE, C.M. Representações Sociais da natureza e do meio ambiente. **Rev.Ciências Humanas**. Edição Especial Temática.EDUFSC.2000.p. 67-81.
- OLIVEIRA, F.O; WERBA, G.C. Representações Sociais. In: **Psicologia Social Contemporânea**. Livro-texto. 8ªed.Petrópolis/RJ: Vozes. 2003.p.104-117.
- REIGOTA, M. **Meio ambiente e Representação Social** 5. Ed/São Paulo. V.41.Cortez.2002. 87p.
- SÁ, C.P. **Núcleo Central das Representações Sociais**. Petrópolis/RJ. Vozes, 2002.
- SOUZA FILHO, E.A.de Análise de Representações Sociais. IN: SPINK, M.J. (org.). **O conhecimento no cotidiano: As Representações sociais na perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.109-145.
- SOUZA, C.R; BRITO M.J. CAPPELLE, M.C.A.; AMANCIO, R. Representações sociais sobre os sistemas de gestão ambiental: uma análise em agroindústrias do setor lácteo sul-mineiro. **Rev. de Administração da UFLA**. V.5.n.1. jan./jun.2003.p.34-48.
- SPINELLI, L.F. **Representações Sócias de educação ambiental de alunos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso**. Tese Mestrado em Educação: Educação, Cultura e Sociedade. UFMT. 2002. 193p.

SPINK, M.J. P O estudo empírico das Representações Sociais. IN: SPINK, M.J. (org.). **O conhecimento no cotidiano: As Representações sociais na perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1995a. p.85-108.

SPINK, M.J.P. Desvendando as teorias implícitas: Uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: – GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs); **Texto em Representações Sociais** 2ª ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 1995b. p.117-145.

TOMANIK, E.A. Ocupação do espaço, condições de vida e representações sociais. **Rev.Ciências Humanas: Série Especial: Representações Sociais: Questões Metodológicas**.EDUFSC.2002. p.225-234.

TREVISOL, J.V. & SOCOLOVSKI, M. Meio Ambiente e Educação Ambiental: um estudo de representações sociais em professores da rede municipal de ensino de Campos Novos-SC. **Revista Roteiro**. v.xxiv, n.44.Joaçaba.jul./dez.2000. 27-56p.

TREVISOL, J.V. Os Professores e a Educação Ambiental: um estudo de representações

VIEIRA, P.F. Meio ambiente, desenvolvimento e planejamento. In: vários autores. **Meio Ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Florianópolis: EDUFSC. 1998.p.45-98.

WAGNER, W. Descrição, explicação e método em pesquisa das Representações Sociais. In: – GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs); **Texto em Representações Sociais** 2ª ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.p.149-185.

Recebido: 08/06/2008

Aceito: 10/10/2008

---

Endereço para correspondência: slareis@cpd.ufmt.br